

“VIADINHO, BICHA LOUCA”: TRAVESTIS E O ESQUECIMENTO DO OUTRO.

“FAGOT, QUEER”: TRANSVESTITES AND THE OMISSION THE OTHER.

“PÉDÉ, TAPETTE”: TRAVESTIS ET L'OUBLI DE L'AUTRE.

Marlyson Junio Alvarenga Pereira¹

Resumo: Este texto surge das discussões que fiz no mestrado. Nesse, entrevistei duas mulheres trans que se identificam enquanto travestis. E aqui problematizo parte da fala de V... (nome fictício da interlocutora) sobre um episódio em que essa é humilhada na sala de aula. A partir daí busco pensar esse fato pela lógica do biopoder, conceito cunhado por Michel Foucault em seus cursos nos finais dos anos 1970, para pensar a escola e a ordem normativa em que estamos inseridos/as. Pensar as muitas segregações que esse discurso provoca, bem como a dor causada nesses corpos. E dessa forma problematizar esse outro que se encontra distante da educação.

Palavras-Chave: Transexualidade. Heterormatividade. Biopoder. Escola.

Abstract: This text comes from the discussions I made in the master's degree. In that, I interviewed two trans women who identified themselves as transvestites. And here I problematize part of the speech of V ... (fictitious name of the interviewee) about an episode in which this one is humiliated in the classroom. From then on, I try to think this fact through the logic of biopower, a concept coined by Michel Foucault in his courses in the late 1970s, to think about the school and the normative order in which we are inserted. Think about the many segregations that this speech provokes, as well as the pain caused in these bodies. And in this way problematizing this other who is far from education.

Keywords: Transsexuality. Heterormativity. Biopower. School.

Résumé : Ce texte provient des discussions que j'ai fait lors de la maîtrise. En cela, j'ai interviewé deux femmes transsexuel qui s'identifient comme des travestis. Et ici, je problématise une partie du discours de V ... (nom fictif de l'interlocutrice) à propos d'un épisode dans lequel elle est humiliée en classe. À partir de ce moment, j'essaie de réfléchir à ce fait à travers la logique du biopouvoir, concept inventé par Michel Foucault dans ses cours à la fin des années 1970, pour réfléchir à l'école et à l'ordre normatif dans lequel nous sommes insérés. Pensez aux nombreuses ségrégations que ce discours provoque ainsi qu'à la douleur causée dans ces corps. Et des cette manière problématiser cet autre qui est distant de l'éducation.

Mots-Cléfs : Transsexualité. Hétéronormativité. Biopouvoir. École.

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela Unesp/Marília e professor no Ensino Médio Sociologia/Filosofia. E-mail: macarlyson@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3964-0016>.



INTRODUÇÃO

Este texto surge das pesquisas realizadas no mestrado em educação pela Universidade Federal de Lavras, UFLA - MG. Neste, problematizei narrativas de vidas de duas travestis. São suas lembranças que trouxe aqui. E que em muitos momentos foram lembranças tristes, de sofrimento, de medo, de dor. E neste texto evocarei uma destas lembranças. Quando uma das interlocutoras, que chamo de V..., relata-me um episódio acontecido dentro de uma sala de aula. Ela diz que foi quase agredida por um colega de sala e que o professor não percebe, ou finge que não vê. Assim proponho problematizar essa fala e pensar neste outro, aqui a travesti, como alguém que “ainda” não faz parte da escola. Da escola que não vê a diferença desse corpo. Mas que insiste em velhos padrões, em modelos heteronormativos de manifestar os gêneros, as sexualidades.

Segundo Rogério Diniz Junqueira (2013), a heteronormatividade pode ser entendida como um “conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão” (p. 483) da sexualidade humana. E que esta institui todo um emaranhado de práticas que a regulam como um padrão a se seguir. Todos devem ser heterossexuais. E essa “heterossexualidade compulsória” (RICH, 2010) que foi se construindo historicamente como a única forma “legítima” de expressar desejos e prazeres. Legítima está entre aspas porque ao se estabelecer arbitrariamente essa forma como única, todas as outras possibilidades de ser e estar no mundo serão alijadas, colocadas como aberrantes e haverá toda uma preocupação em produzir um discurso que desqualifique, que ofenda, que desautorize essas outras formas tornando-as sujas, estranhas, fora de lugar. E é assim que problematizo a fala de V..., como as ofensas que sofre, a quase violência física em que é vítima é um produto perverso desse discurso que constrói seus centros a partir da heterossexualidade e as periferias (BUTLER, 2003) com suas outras formas “estranhas” de estar no mundo. E aqui a escola como uma instituição cabal na concretização desse discurso heteronormativo.

Desse modo, o relato deste acontecimento se dá em uma entrevista que foi realizada durante uma bela e ensolarada tarde de domingo. V... narra-me um acontecimento que teria se passado em uma escola das quais ela estudou. Sua fala suscita-me pensar nesta escola onde a diferença incomoda. Nesta escola que não promove alegres encontros com a educação, mas tristes encontros (GALLO, 2012), nesse caso específico. Neste outro que parece estar muito distante. Afinal, ainda temos uma escola com dois banheiros, duas filas para a merenda, uma de meninos e outra de meninas.

A FALA DA “OUTRA”

“quando eu tinha quinze anos morei em Belo Horizonte; quando comecei a estudar lá, os meninos de lá suspeitaram que eu era ‘homo’, só que não falaram nada. Aí pediram para eu ficar com uma menina. Me apresentaram uma menina e ‘perguntou’ se eu beijaria essa menina no final da aula. Eu disse que beijaria, mas aquilo estava me fazendo mal, toda hora eu olhava no relógio para ver se o final da aula estava chegando, parecia que a hora estava voando e eu não conseguiria beijar a menina. Quando deu o sinal eu sai por outro portão e corri muito para casa. No outro dia eles me questionaram eu disse que tinha esperado no local, foi onde descobriram que era mentira minha porque eles esperaram ali. Eu não conseguiria beijar uma menina. Aí depois eles começaram a me ‘zoar’. Teve um que até veio falar comigo, eu xinguei ele e a gente discutiu. Não chegamos a brigar, nem ele a me agredir, fisicamente não, mas psicologicamente ele me agrediu. Aí dentro da sala de aula começaram a gritar, ‘viadinho’, ‘bicha louca’. A gente sentava no fundo da sala aí o professor não viu. Aí tinha outro menino mais velho que me defendeu porque senão eu acho que o menino tinha me agredido fisicamente”.

Esse episódio acontece durante uma aula e o professor não vê. V... relata que eles discutiram, que era chamada por vários nomes como “bicha louca” e é quase agredida por um outro estudante. Aqui podemos pensar neste outro que parece tão distante da escola. Será que ele não vê ou finge que não nota esse outro e seus gritos por ajuda. Um outro que a todo o tempo é atormentado por nomes terríveis. Mas é deixado no fundo da sala como se nada tivesse acontecendo. E por que será que essa diferença incomoda tanto?

São estes silêncios que problematizarei aqui. Os silenciamentos provocados por uma norma, por uma escola que, ainda não entendeu o diferente. Quando o diferente adentra esse local e não se enquadra nesses padrões de gênero, de sexualidades previamente determinados ele/a será silenciado/a, pois, pouco existe nesta instituição que o/a diga. Portanto as lembranças de V... são lembranças de silêncios. É a dor das feridas, talvez cicatrizadas, mas que deixam marcas neste corpo que se esquiva da mão taxativa da norma. Dessa que não traz o outro e suas significações. Mas apenas o que importa é um eu. Um eu heterossexual, branco, masculino, classe média.

Aqui neste texto procuro dialogar com uma perspectiva “que exigiria repensar a educação a partir das experiências que foram historicamente subalternizadas” é o que fala Richard Miskolci (2012, p. 17). Considerando as experiências dos e das considerados/as estranhos/as a um padrão de gênero, de sexualidades e de práticas sexuais. E repensá-las/los, a partir da educação é uma tarefa importante, pois a educação funciona como um dos pilares do biopoder, “um dos grandes investimentos biopolíticos do estado” (MISKOLCI, 2012, p. 16).

Na escola tudo parece tão natural, dois banheiros, duas filas, azul e rosa. E aí está a dinâmica do poder em produzir sujeitos “normatizados” e “normalizados”. Há uma *lógica imperante. E nem falo dos discursos explícitos, dos xingamentos trazidos* nas fala de V..., mas da construção de dois gêneros, do feminino e do masculino. Ou você vai ao banheiro dos meninos ou vai ao banheiro das meninas. Ou isto, ou aquilo. Mas nunca, o isto e aquilo e aquele e aquela. Só existem dois gêneros em um ambiente que parece desconsiderar o plural. E pensando no discurso que todas/os devem passar por esta escola, podemos ver a grandeza tecnológica do biopoder em espalhar suas artimanhas de construção do gênero correto, aquele que respeita os códigos amplamente replicados. Onde meninos/homens tem papéis a cumprir e meninas/mulheres também precisam enquadrar-se nessa norma. Mas será que estamos dispostos a exercer nossos “papéis sociais” assim, de modo tão retilíneo e uniforme? E que sujeitos podem ser considerados detentores dessa moral e dos bons costumes dessa forma “legítima” de viver?

E, talvez, a educação deva problematizar a heteronormatividade, na figura da heterossexualidade, como culturalmente construída, como mais uma prática dentre muitas outras possíveis e não como a única forma de expressão dos seres humanos. Que o outro/a possa sentir-se parte desta escola e não como alguém alheio às discussões que deveriam ser feitas ali.

Miskolci (2012) afirma que, ao coordenar um curso de gênero e diversidade na escola no ano de 2009, deparou-se com uma grande ansiedade dos profissionais da educação em saber com quem estavam lidando em suas práticas. Porém, ele relata que essas vontades passavam por saber como denominar os discentes. “O que é tal aluno? Ele é travesti, ou transexual?” (MISKOLCI, 2012, p. 18). É cair novamente no binômio heterossexual/homossexual. Novamente no isto ou aquilo. E segue dizendo: “ou ainda, por outra circunstância aos termos da sigla LGBT, um número limitado de formas de identificação”. Assim, apenas se trocam os nomes, mas não há uma discussão e a reiteração da norma continua a ser feita. Pois, digo a todas/os que assumam uma identidade. E, se assumir travesti em meio a uma sociedade que as despreza torna-se uma tarefa difícil, portanto, ao fazer as identificações acaba por punir aquelas e aqueles que se distanciam do padrão, da heteronormatividade.

E punir foi o que a escola fez durante muito tempo, pois ela era uma das instâncias do poder em produzir corpos governáveis. Corpos que deixariam se governar. “Uma forma poderosa de normalização coletiva” (MISKOLCI, 2012, p. 40). E pensar a escola por meio de outra perspectiva é trazer os silêncios dos esquecidos, daqueles que são violentados/as a todo o momento pelo discurso segregador de uma heteronormatividade imperante ainda em nossos meios educacionais. Quando V... diz que era chamada de “viadinho”, “boiola” é desta violência gratuita, deste sofrimento

presente nestas ofensas e que dizem na sua forma que V... não poderia estar ali. Que V... não poderia ser daquele jeito.

“Um olhar a partir das diferenças na educação implica tentar perceber os modelos e os padrões” (MISKOLCI, 2012, p. 47). E quais são esses modelos e padrões? Será que não seriam do branco, masculino e classe média? Mas e todos os outros, aquelas e aqueles que não se enquadram? Por que não podemos trazer outro olhar, algo insubordinado, algo que conteste as hegemonias existentes, algo mais artístico, que tenha mais cores e que contemple mais o diferente. E que não vejamos o outro fora da minha zona de conforto, mas que esse possa se juntar a mim, também, em uma confortável diferença insubordinável.

O professor Sílvio Gallo (2012, p. 1), refletindo sobre o outro e “tantos outros”, diz-nos que a educação é um “empreendimento coletivo” e que ainda “a educação é um encontro de singularidades” e que essa “pode promover encontros alegres ou tristes, mas sempre encontros”. E qual foi o encontro de V... com a educação? Neste relato específico, vemos duas questões muito importantes: V... é torturada psicologicamente, ao ser questionada se beijaria outra mulher *“me apresentaram uma menina e ‘perguntou’ se eu beijaria essa menina no final da aula. Eu disse que beijaria, mas aquilo estava me fazendo mal, toda hora eu olhava no relógio para ver se o final da aula estava chegando, parecia que a hora estava voando e eu não conseguiria beijar a menina. Quando deu o sinal eu sai por outro portão e corri muito para casa.* É desta normalização coletiva que fala Miskolci (2012). Onde todos/as devem possuir uma única sexualidade, devem possuir uma expressão de gênero, devem seguir um padrão. E se não o fizerem sofrerão as consequências de sua “subversão”. Portanto, a norma cria as punições, sejam elas como a vergonha do apontamento, dos “risinhos”, das ofensas. Afinal o sujeito que nasce com um pênis deve orientar sua sexualidade para uma fêmea, logo, uma vagina.

Segundo Louro (2010, p. 18), a escola possui mecanismos de discernimento para ver o quanto “cada adolescente e jovem está se aproximando ou se afastando da ‘norma’ desejada”. Desde muito cedo, aprendemos no pré-escolar que existe uma fila para meninos e outra para meninas. Que a dicotomia mulher/homem deve ser ensinada desde cedo e ser homem significa não ter nada que possa lembrar o sexo oposto. E os meninos que não se enquadram nestes padrões de gênero, que descumprem essa regra sofrerão a violência, tal como na fala de V... que diz ser ofendida dentro da sala de aula. Miskolci (2012) conta-nos uma experiência acontecida consigo durante seus anos iniciais da educação básica. A formação das filas de meninas e meninos. Os meninos maiores empurravam os menores para a outra fila, a das meninas. E isso significava virar “mulherzinha”, ser o “fracote” da turma. E ser o fracote é desrespeitar a norma, e já conhecemos o que fazem com quem burla os padrões. V... fala-nos como a diferença pode ser tratada na escola: *começaram a me ‘zoar’. Teve um que até veio falar comigo, eu*

xinguei ele e a gente discutiu. Não chegamos a brigar, nem ele a me agredir, fisicamente não, mas psicologicamente ele me agrediu. Ai dentro da sala de aula começaram a gritar, ‘viadinho’, ‘bicha louca’. Miskolci (2012) se refere a essa experiência como a experiência da vergonha, da humilhação do diferente. Assim, as pessoas que não possuem um gênero em conformidade com o esperado, serão as/os maiores alvos da correção, da norma, da heteronormatividade.

A NORMA

Foucault nos dirá de um dispositivo, de um mecanismo para fazer emergir discursos sobre o sexo e sobre a verdade encontrada no sexo.

Em seu *Herculine Barbin* (FOUCAULT, 1983, p. 82), nos fará uma pergunta “se precisamos, verdadeiramente de um verdadeiro sexo”? Responderá que a sociedade ocidental obstinou-se em responder afirmativamente a esta questão. Isso quer nos dizer que o sexo foi colocado como uma problemática para nossa sociedade. Que no sexo encontraríamos a verdade mais íntima das pessoas. Que o sexo diria quem pode, onde pode e o que pode fazer, ser feito e ser dito. Aliás, dizer, segundo o filósofo, foi o que mais fez a moderna sociedade ocidental. Um dizer sobre o sexo e um prazer em dizer (FOUCAULT, 1994, p. 19).

Em sua *História da Sexualidade*, Foucault (1988) fará uma história de nossos “discursos sobre a sexualidade, discursos através dos quais a sexualidade é construída como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo (WEEKS, 2010, p. 50-51)”.

Agora os sujeitos serão inscritos na teia do poder e nossos corpos passarão a ser ditos considerando o esquema poder-saber. Um poder que, para Foucault (1988), não é central, mas pulverizado. Um poder que inventa os discursos e cria os corpos nessa relação. Um poder que, em vez do que se pensa, não é meramente repressivo. Mas um constante e infatigante falar do sexo, falar sobre o sexo. “Quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo” (FOUCAULT, 1988, p. 18). Enfim, Foucault (1988, p. 18) dirá que o poder assumirá “técnicas polimorfas”, pois este adentrará os corpos, promovendo uma incorporação do poder (FOUCAULT, 1988, p. 50). Suas técnicas provocarão silêncios e interdições, mas também proliferação de discursos. Incitação em fazer e desejo em saber. A sexualidade será inventada como um dispositivo.

O dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 1994, p. 101).

Weeks (2010, p. 51) nos diz que Foucault vê o poder como uma tecnologia sobre a vida, governando os corpos e o sexo, “oferece um meio de regulação tanto dos corpos individuais, quanto do comportamento da população, como um todo”. E esse discurso do governo dos corpos, de um saber sobre a vida, produzirá sujeitos. Foucault (1988, p. 115) dirá que o dispositivo de sexualidade é formado por quatro instâncias sendo essas a sexualidade procriativa mantida na figura do casal malthusiano. A histerização do corpo da mulher, “em um corpo integralmente saturado de sexualidade”. “A pedagogização do sexo da criança”. E a “psiquiatrização do prazer perverso” (FOUCAULT, 1994, p. 116).

O dispositivo da sexualidade se ocupará em fazer desta, algo regulado, pois no controle das populações, essas quatro instâncias surgem como preocupações específicas, segundo Weeks (2010, p. 52), sobre tipos específicos “que são simultaneamente evocados e controlados dentro do complexo ‘poder-saber’”. É justamente aí que está o dispositivo de sexualidade dito por Foucault. O poder de saber para controlar. Um poder que quer saber para criar uma verdade. Uma norma de regulação sobre os corpos e suas especificidades. Um disciplinamento sobre esses corpos e suas vidas sexuais, inventando práticas e criando sujeitos.

A sexualidade, criada no século XIX,

[...] é uma forma histórica do discurso e da prática [...] A sexualidade é uma questão individual: ela diz respeito aos prazeres privados ocultos, aos excessos perigosos para o corpo, às fantasias secretas; passou a ser considerada como a própria essência do ser humano individual e o núcleo da identidade pessoal (DREYFUS, RABINOW, 1995, p. 224).

Todas essas sexualidades “problemáticas”, da mulher histérica, da criança masturbadora e do perverso deveriam agora passar pelo escrutínio da “ciência da sexualidade” (FOUCAULT, 1994, p. 19). Tudo nesses corpos sexualizados deve ser analisado. Esses corpos devem ser conhecidos, disciplinados, governados, controlados. “O corpo, a nova ciência sexual e a busca da regulação e vigilância foram relacionados” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 227). A vigilância e o controle são as palavras de ordem da ciência que nasce. “A sexualidade é quase tudo” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 228).

A confissão dos meus desejos mais íntimos que Foucault começa a analisar a partir do concílio de Trento, surge e toma grandeza no século XIX, no qual a ciência e o discurso médico tomam um lugar soberano na construção da subjetividade. A verdade agora é revelada por meio da palavra. É por meio do discurso, do falar sobre mim, da confissão, que chegar-se-á à verdade mais íntima, mais própria do eu. “A chave para a tecnologia do eu é a crença de que se pode, com a ajuda de peritos, falar a verdade

sobre mim mesmo. Esse é um princípio fundamental” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 230). E esse eu era revelado por meio do meu sexo. “A medicina, a psiquiatria e a pedagogia transformaram o desejo em um discurso científico e sistemático” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 232).

Deste modo, a ciência que nasce, a sexualidade tem como foco o sexo. Transformar-se-á o corpo das mulheres em um todo sexual, em algo que necessita de uma análise detalhada para que se descubra a verdade sobre seu ser. O que se fará com as crianças em seu onanismo latente? Também se criará um sujeito perverso, onde sua sexualidade será problematizada, vigiada e corrigida pela moderna ciência do sexo, pois, ele, o perverso, não segue propriamente os mecanismos pro-criativos descritos para a sexualidade “normal”. O perverso surge no século XIX como algo a ser sabido, estudado e curado. Seu sexo doente, sua fisionomia estranha definem um novo sujeito. E a norma vai se fundando, constituindo-se nesses corpos examináveis, “[...] encrava-o nos corpos, introdu-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e de ordem natural” (FOUCAULT, 1994, p. 51). Seus corpos necessitam de um laudo que os digam enquanto tais, aberrantes. O homossexual do século XIX, pouco tinha a ver com o sodomita dos séculos anteriores. Sua materialidade se torna palpável. Não mais o vemos como praticante de um ato, mas todo o seu ser é sexual.

E, talvez, aqui, possamos pensar na violência relatada acima por V... . Toda essa criação perversa, toda essa construção macabra na manutenção de uma sexualidade que estivesse ligada à reprodução, faz com que os outros, aqueles de sexualidades aberrantes pudessem ser extintos. Ao estabelecer o normal e o anormal, autorizamos a destruição daqueles e daquelas que ferem a regra reprodutiva da normalidade, ou ainda, da heteronormatividade. A diferença, a multiplicidade pode gerar insubordinações no velho padrão criado. Portanto a partir de uma arbitrariedade e Foucault (1988) nos mostra como isso é feito, todo o restante de outras formas de sexualidades, de gêneros e de identidades devem ser ignoradas, no melhor das hipóteses, senão silenciadas como formas de existir.

CONCLUSÃO

Neste texto, buscamos problematizar o relato de V..., uma mulher trans que foi humilhada em sala de aula. A partir de sua fala problematizamos a invenção de uma norma que cria centro e margens (BUTLER, 2003). Que cria corpos autorizados, com seu gênero correto e sua sexualidade pro-criativa. E todos/as aqueles/as que não se enquadrarem nessas normativas serão punidos.

O relato de V..., ajudou-nos a pensar e pensar a escola, a educação e esse outro, aqui na figura da travesti. Essa mulher trans que por não ter o seu gênero conformado aos padrões estabelecidos é humilhada e quase agredida fisicamente. Chamada por nomes pejorativos, esses xingamentos, segundo o professor Miskolci (2012) marcam as sexualidades e os gêneros inconformes. E o professor propõe pensar em outras formas de ser e estar no mundo. Que a educação, a escola não seja o lugar da norma, da exclusão, mas da diferença e da diversidade. Que essa, segundo Sílvio Gallo (2012), possa promover encontros que venham da alegria. Que esses possam ser potencializados diariamente nesta escola através das insubordinações de corpos que expressem seus gêneros, suas sexualidades, suas etnias, suas linguagens locais. Que o lúdico, o colorido e o potencialmente potente instalem-se e promovam criações, produções.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin: o diário de um Hermafrodita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 199 p.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 174 p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 291 p.
- GALLO, Sílvio. Imagens do outro na filosofia: o desafio da diferença. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 160-178, jan./jun. 2012.
- JESUS, Jaqueline Gomes; ALVES, H. . Feminismo Transgênero e Movimentos de Mulheres Transexuais. **Cronos** (Natal. Impreso), v. 11, p. 8-19, 2010.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Retratos da Escola**, v. 7, p. 481-498, 2013.
- MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 80 p.
- RICH, Adrienne. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence**. In: GELP, Barbara C. & GELP, Albert (editores). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.
- VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 160p.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. v. 1, p. 55-83.

